



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH

COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO EM MULTIMEIOS

VOZES EM TRAVESSIA: CRÔNICAS NA BARCA JUAZEIRO – PETROLINA

JUAZEIRO

FEVEREIRO - 2020



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH  
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO EM MULTIMEIOS

ANDRÉIA LUCIANA MACÊDO

**VOZES EM TRAVESSIA: CRÔNICAS NA BARCA JUAZEIRO – PETROLINA**

JUAZEIRO

FEVEREIRO - 2020



ANDRÉIA LUCIANA MACÊDO

VOZES EM TRAVESSIA: CRÔNICAS NA BARCA JUAZEIRO – PETROLINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para o título de bacharel em Jornalismo.  
Orientador(a): Professor (a) Márcia Guena dos Santos

JUAZEIRO

FEVEREIRO - 2020



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH)  
COLEGIADO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS  
CAMPUS III – JUAZEIRO

ATA DE APRECIÇÃO DE PARECER DE TCC

Aos sete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte, reuniu-se nas dependências do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Universidade do Estado da Bahia, situado à Avenida Edgard Chastinet, s/n, bairro São Geraldo, Juazeiro/BA, a Banca Examinadora composta pelo orientador (a) Marcia Guena dos Santos

avaliador (a) João José Borges e avaliador (a) Edilaine Ferreira da Silva para julgar o trabalho conclusão de curso intitulado Vozes em taverna:ônica na banca Juazeiro - Petrolina de autoria do discente Andreia Luana Macedo. Após a apresentação e arguições, a Banca deliberou, segundo os critérios estabelecidos no regulamento do TCC e que foram devidamente observados por cada membro da Banca, concluindo pela:

A – aprovação (X);

B -aprovação condicionada a reparos ( );

C - não aprovação ( ),

com a nota final 9,5. Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Confere com o original

05/11/2024

do Santos  
CARIMBO E ASSINATURA

Layane de Souza Santos  
Secretária do Colegiado do Curso de  
Jornalismo em Multimêios  
CAD: 74569411-8  
Port. Nº 0824/2015 D.O. 17/03/2015  
UNEB/DCH-CAMPUS III

Orientador (a) Marcia Guena dos Santos

Avallador (a) Edilaine Ferreira da Silva

Avallador (a) João José de Santana Borges

Juazeiro, 07 de 03 2020

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos ancestrais que possibilitaram, com a força da resistência, a realização deste sonho.

Agradeço aos meus pais Francisco Assis e Joana D'arc, pelo amor e incentivo.

Agradeço ao meu noivo Dayvid Fernando por todo cuidado, paciência e amor dedicados a mim durante a produção deste livro.

Agradeço aos meus irmãos Adriana Simone, Cícera Alice e Antônio Marcondes, por serem parte da minha vida.

Agradeço à minha sobrinha Isabelly por tornar mais leve os dias dedicados a este trabalho.

Sou grata à minha orientadora Márcia Guena, por acreditar no meu projeto.

## RESUMO

O presente trabalho versa sobre a produção de um livro de crônicas como trabalho de conclusão de curso, relacionado às barquinhas que realizam o transporte de pessoas entre Petrolina-PE e Juazeiro-BA. A produção tem como objetivo fazer um registro histórico do intercâmbio cultural entre as duas cidades no processo de travessia. Reflete também sobre as práticas comunicativas inerentes ao percurso realizado pelas barcas, assim como analisa esse meio de transporte enquanto parte do cenário cultural da região e espaço onde as conversas cotidianas acerca dos dois municípios se encontram. A perspectiva das crônicas é dar visibilidade as diferentes vozes compartilhadas diariamente nessa trajetória. Espera-se que o produto possa contribuir com a história local enquanto instrumento comunicativo de registro do cotidiano e de memória das duas cidades.

**Palavras-chave:** jornalismo, crônica, travessia, Juazeiro, Petrolina.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 JUSTIFICATIVA .....	10
3 OBJETIVOS .....	12
3.1 Objetivo Geral .....	12
3.2 Objetivos Específicos .....	12
4 REFERÊNCIAL TEÓRICO .....	13
4.1 A Navegação no Rio São Francisco .....	13
4.2 O primeiro vapor e o turismo .....	15
4.3 Memória como uma dimensão da abordagem sobre o tema em pesquisa.....	16
4.4 Jornalismo Literário e o Novo Jornalismo .....	19
4.5 Literatura da Realidade - O romance reportagem .....	20
4.6 O papel do livro reportagem.....	21
4.7 A crônica – Um gênero híbrido .....	22
4.8 O cronista e o cotidiano .....	24
5 METODOLOGIA .....	26
5.1 Pré-produção .....	26
5.2 Produção .....	27
5.3 Produção do livro – Edição .....	31
5.4 Escolha dos formatos.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS .....	34
CRONOGRAMA .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

Vinda do cais de Juazeiro, a barca se aproxima enquanto as pessoas se aglomeram na margem petrolinense à sua espera. Passos apressados, homens, mulheres e crianças descem a escadaria da orla em direção ao rio. No meio do caminho, uma parada para água ou café nas barraquinhas. Entre a compra e o troco, está o valor da passagem: dois reais.

A pressa de quem chega esbarra na distração de quem ainda precisa atravessar. A bordo, os passageiros aguardam a partida. De um lado, a vista para a ponte Presidente Dutra, símbolo do elo entre os municípios. Do outro, os barcos e os pescadores ajudam a compor a rotina do povo ribeirinho. Embora seja comum aos habitantes de Petrolina e Juazeiro, o cenário ainda encanta.

Passados alguns minutos, o barqueiro dá sinal. Os atrasados correm e tentam alcançar sem sucesso a barca que em uma manobra se vira para o lado baiano do rio. Começa a travessia e o sussurros. Colegas de cursinho dividem o banco e os sorrisos, casais trocam carinho, companheiros de trabalho conversam sobre o expediente do dia, jovens sentados na parte traseira do veículo cantarolam uma música e todas as vozes se cruzam no breve trajeto entre uma margem e outra.

Enquanto o barco passa pela Ilha do Fogo, cortando as águas verdes do Velho Chico em direção à Bahia, as conversas vão ganhando contorno, fazendo da travessia também um processo comunicativo. Os assuntos inerentes à rotina dos passageiros, as informações que são compartilhadas por essas pessoas durante o percurso realizado pelas embarcações e os discursos presentes nesses diálogos são parte do contexto de intercâmbio cultural que envolve os dois estados que são banhados pelo Rio São Francisco.

O rio São Francisco, popularmente chamado de Velho Chico, constitui-se como um dos principais cursos de água doce do Brasil. Com percurso de 2.814 km de extensão, atravessa regiões dos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, compondo, juntamente com partes do Distrito Federal e Goiás, o Vale do São Francisco. Dos quase 620 mil quilômetros quadrados de área pertencentes ao Vale, 62% está localizado no Nordeste (CODEVASF, 2009). Ao todo, 505 cidades fazem parte dessa região, onde estão distribuídos 18. 218 . 575 habitantes (CODEVASF, 2012).

A floresta tropical, o cerrado e a caatinga são as vegetações características do Vale, assim como os climas úmido, semiárido e árido. Em virtude da extensão do Rio São Francisco e dos diferentes lugares por onde passa, cada um com seus respectivos biomas e climas, o



Vale foi subdividido em Alto, Médio, Submédio e Baixo São Francisco. (REBOUÇAS, BRAGA, 1999).

O Submédio São Francisco corresponde a área que abrange o estado de Pernambuco e Bahia. Nessa região de clima semiárido, cujo bioma dominante é a caatinga, o Velho Chico, como é carinhosamente conhecido, tem uma grande relevância social, cultural e econômica. Junto com Lagoa Grande, Santa Maria, Curaçá e Casa Nova na Bahia, Petrolina e Juazeiro se destacam como importante polo de desenvolvimento da fruticultura irrigada, tal qual reforçam Araújo e Silva:

Estes municípios integram a região do Submédio São Francisco que responde por um elevado volume de produção e exportação de manga e uva no Brasil. Dentre os municípios que compõem a região destacam-se Petrolina e Juazeiro pela sua importante posição na hierarquia urbana, assumindo a liderança econômica e polarização da região (2013, p. 2.).

Petrolina e Juazeiro são as cidades sertanejas que mais se desenvolveram nos últimos anos. Relacionado a esse crescimento está a atividade agrícola que é a base da economia desses municípios. Em torno de 90 % da produção local é exportada para diversas regiões do mundo como a Ásia, Europa e América do Norte. Juntas, as cidades vizinhas constituem-se relevantes centros econômicos do sertão de Pernambuco e da Bahia (ARAÚJO, SILVA, 2013).

Localizada a 722 km de Recife, Petrolina é a segunda maior produtora de uvas do país. Com aproximadamente 294 mil habitantes, encontra-se na margem esquerda do Rio São Francisco, que faz a divisa entre os estados de Pernambuco e Bahia. Do outro lado está Juazeiro. Distando 500 km da capital baiana, Salvador, a cidade possui atualmente cerca de 216 mil habitantes (ARAÚJO, SILVA, 2013).

Além de se configurarem como destaque econômico do sertão, Petrolina e Juazeiro também compartilham diversos pontos turísticos e experiências culturais. Restaurantes, bares, ilhas e eventos da região são frequentados por moradores das duas localidades. A proximidade dos municípios influencia o modo de vida e as práticas socioeconômicas de quem vive tanto em uma cidade como na outra.

O intercâmbio que há entre Juazeiro e Petrolina pode ser observado tanto nas manifestações artísticas, na culinária, na linguagem, como nas formas de locomoção. Nesse sentido, o rio São Francisco, a ponte presidente Dutra e as barquinhas emergem como símbolos da cultura local e do elo entre os municípios.

Tradicionalmente, as barquinhas realizam a travessia levando os passageiros de uma cidade para outra. São, portanto meios de transporte que fazem parte do cenário cultural da região. Todos os dias, centenas de pessoas se locomovem de uma cidade para outra por meio das barcas. Além de consistirem em transporte mais barato para quem precisa fazer o trajeto diariamente, as emblemáticas barquinhas também exercem um importante papel na comunicação regional.

De segunda a domingo, das seis horas da manhã às 11 da noite, as barcas transportam não só passageiros, mas histórias que se cruzam durante o trajeto. Gente de Petrolina e Juazeiro, pessoas radicadas na região, turistas, artistas e anônimos que carregam memórias e narrativas que fazem parte da rotina da travessia. Diariamente são construídos laços culturais entre as duas cidades por meio da comunicação oral que tem na barca um espaço de convivência de seus usuários.

No trecho compreendido entre o ir e vir das barcas, há práticas comunicativas que são objetos de estudo deste trabalho. A inquietude e o interesse pelo tema surgiu da experiência da autora enquanto ribeirinha e usuária do transporte fluvial. Da rotina de travessia emergiu o desejo de investigar como as barcas se configuram enquanto espaço de informação, comunicação e aproximação cultural entre as duas cidades.

Que experiências comunicativas os passageiros vivenciam e compartilham no trajeto realizado pelas barcas? Quais os principais temas desses diálogos? Quem são os passageiros que cotidianamente interagem nesse instante de travessia? Que histórias circulam na barca no trecho entre uma cidade e outra? Esses e outros questionamentos norteiam a proposta de desenvolvimento desta pesquisa.

Dar visibilidade aos diálogos que acontecem ao longo do trajeto e que ajudam a formar a identidade dos moradores da região é a perspectiva do livro de crônica que foi desenvolvido, pois, para além de meios de locomoção, as barcas são parte da história e memória local. O objetivo é que o livro possa registrar a comunicação cotidiana que acontece no percurso da travessia, dando a devida importância às múltiplas vozes que protagonizam essa jornada.

## 2 JUSTIFICATIVA

No cotidiano de Petrolina e Juazeiro, a comunicação oral espontânea é um importante instrumento de perpetuação das tradições. Nas feiras livres, nos bares, nos espaços culturais e de lazer há moradores das duas localidades construindo juntos pontes simbólicas de cultura. Um exemplo mais expressivo disso é a famosa travessia realizada pelas barquinhas. A bordo das barcas estão pessoas que fazem sempre o mesmo trajeto. Cidadãos que moram em uma cidade e trabalham ou estudam na outra, turistas, pedintes, comerciantes, cada um compo o mosaico sociocultural da região.

Nesse contexto, a barca se destaca também como espaço de comunicação. Entre uma margem e outra são compartilhadas histórias, notícias, discursos e acontecimentos que não ganham destaque e notoriedade nos meios de comunicação convencionais. Diariamente, centenas de pessoas se locomovem de uma cidade para outra por meio do transporte fluvial, deixando vestígios e presenciando fatos que são ignorados pela grande imprensa por serem considerados menos importantes.

Sabe-se que o jornalismo desempenha a importante função de informar os indivíduos de forma ética, clara e objetiva. Entretanto, a imprensa cotidiana está presa às técnicas de produção de notícia que simplificam o relato, impossibilitando ao receptor uma compreensão mais profunda dos acontecimentos. Em face dessa realidade, o jornalismo literário emerge como alternativa para a construção de narrativas mais detalhadas dos fatos (LIMA, 2004).

Na tentativa de preencher as lacunas deixadas pelo jornalismo diário é que a grande reportagem, as crônicas e outros gêneros se configuram como veículos que buscam a perenidade dos acontecimentos. A partir da perspectiva da barquinha enquanto espaço de comunicação e interação cultural entre Juazeiro e Petrolina, surgiu a ideia deste trabalho que consiste em um livro-reportagem no formato crônica e cuja perspectiva é dar visibilidade às práticas comunicacionais intrínsecas a travessia e dar voz às histórias de vida dos povos que participam dessa tradição.

Espera-se que essa produção possa contribuir sobremaneira para a história das duas cidades enquanto registro do cotidiano e das práticas de comunicação que o constituem, apontando o valor da oralidade na construção da cultura ribeirinha. A obra tem o intuito de projetar, no contexto comunicativo da região, as inúmeras vozes anônimas que muitas vezes são ignoradas ou esquecidas.

O livro de crônicas constitui-se em um trabalho cujo valor acadêmico consiste em inspirar outras iniciativas que valorizem a cultura local e o intercâmbio cultural que faz de Petrolina e Juazeiro cidades irmãs. Ele tem o intuito de instigar a produção acadêmica da região a colocar no cerne da comunicação local os cidadãos comuns que, diariamente, contribuem para o desenvolvimento dos dois municípios e não encontram o devido reconhecimento.

Espera-se que este trabalho de reportagem se configure como uma fonte de informação relevante para a compreensão da realidade local a partir das experiências de comunicação oral que são vivenciadas durante a travessia das barquinhas.

### **3 OBJETIVOS**

#### **OBJETIVO GERAL**

Produzir um livro de crônicas relatando as ocorrências, personagens e práticas comunicativas relacionadas à travessia fluvial realizada pelas barcas entre os municípios de Juazeiro-BA e Petrolina-PE.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Narrar histórias do cotidiano das duas cidades vivenciadas nas barquinhas durante a travessia no rio São Francisco;
- Dar visibilidade às práticas comunicativas e as pessoas que fazem parte da travessia;
- Discutir os aspectos socioculturais presentes na travessia que ajudam a compreender e remontar a história de Petrolina e Juazeiro.

## 4 REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 4.1 A Navegação no Rio São Francisco

A formação da identidade do povo ribeirinho está fortemente ligada as relações estabelecidas com o Rio São Francisco. Nas cidades que se desenvolveram às margens do Velho Chico, essas relações se manifestam nas diversas práticas cotidianas, o lazer, a arte, o comércio, a culinária, a economia e o transporte. Além do valor econômico que representa para a região, o rio consiste em um elo que aproxima Pernambuco e Bahia. A ponte Presidente Dutra e as embarcações que realizam a travessia entre essas cidades irmãs surgem no cenário cotidiano como símbolos da conexão que as torna mais do que vizinhas, mas extensões uma da outra, pois compartilham diariamente suas histórias e traços culturais.

Apesar da construção da ponte e da expansão das rodovias, o transporte fluvial resistiu ao tempo e ainda hoje as barcas, os paquetes, as chatas e outros tipos de embarcações fazem parte do cotidiano dos ribeirinhos, transportando diariamente passageiros de uma margem a outra e realizando passeios turísticos. As atuais barcas que servem como transporte urbano configuram-se como símbolos da memória de Petrolina e Juazeiro, uma vez que sua presença no Rio São Francisco remonta o início da história do desenvolvimento dessas cidades.

Mas, antes mesmo da colonização portuguesa, o Velho Chico já era navegado pelos nativos. Por meio das Ubás, as primitivas canoas feitas com troncos de árvores, índios Cariris, Tupinambás, Tapuias e Amaupirás se deslocavam pelo rio à procura de melhores lugares para a caça e pesca (MAGALHÃES, 2014). A navegação que se iniciou com o índio foi intensificada no período colonial, quando o Rei de Portugal, para facilitar ocupação do território, dividiu as terras em sesmarias e as doou para os nobres mais próximos da coroa. A família D'ávila foi contemplada com terras que abrangiam grande parte do Vale do São Francisco. Embora tenha se instalado no litoral, o nobre Garcia Dávila enviou servos para o interior na perspectiva de que ocupassem as regiões próximas ao rio São Francisco. O objetivo era desenvolver roças e currais para criação de gado (MAGALHÃES, 2014).

Com a implementação das fazendas e currais surgiu a necessidade de trazer do litoral produtos indispensáveis a sobrevivência dos povoados e vilas que se formavam às margens do rio. Os produtos eram transportados em embarcações conhecidas como ajoujos. Formados por três canoas amarradas umas nas outras por tiras de couro, os ajoujos foram pioneiros no

transporte de carga no rio São Francisco, iniciando assim uma tradição de navegação fluvial que se estende até os dias atuais (MAGALHÃES, 1997).

Foi nesse contexto de ocupação do interior para criação de gado e com tráfego fluvial decorrente dessa prática que a cidade de Juazeiro emergiu como uma potência econômica do Médio São Francisco. O município, que inicialmente era uma rota de passagem dos viajantes tropeiros e navegantes, tornou-se um expoente da economia no sertão, conforme lembra Chilcote apud Magalhaes (2014, p. 23):

a vila de Juazeiro ergueu-se como um importante centro econômico do interior, dominando a navegação e o comércio pelo rio, que se estendia pela Bahia e Minas Gerais adentro. A economia do interior do Piauí e de Pernambuco tornou-se também dependente de Juazeiro, por onde os produtos agrícolas, os minerais e outros artigos em geral acabavam passando em sua rota para Salvador e outros pontos do litoral (1991, p. 57).

Beneficiando-se da sua posição privilegiada, tanto de passagem dos tropeiros pelas vias terrestres como de rota fluvial para Pirapora em Minas Gerais, Juazeiro tem como base da sua formação as intensas atividades econômicas relacionadas a seu porto, onde atracavam embarcações contendo produtos europeus que abasteciam as lojas da cidade e levavam produtos locais para o sul do país (MAGALHÃES, 2014).

Enquanto Juazeiro se desenvolvia em torno do seu cais que era utilizado desde 1860, somente no ano de 1944 foi inaugurado o primeiro porto em Petrolina. No entanto, mesmo com sua construção, as grandes embarcações continuaram a aportar na cidade baiana devido a melhor estrutura de seu porto. Dessa forma, os produtos e mercadorias eram levadas para Petrolina em paquetes (BRITO, 1995).

Na margem pernambucana, tropeiros oriundos do norte do Brasil com destino a Salvador passavam por um vilarejo, que na época pertencia a Boa Vista. Nesse povoado, que hoje é a cidade de Petrolina, descansavam e posteriormente faziam a travessia para Juazeiro em barcos a vela (MAGALHÃES 2014). De passagem pela região a mando do imperador Dom Pedro II, o engenheiro civil Halfel presenciou os momentos de travessia dos tropeiros e fez o registro dessa conexão entre as cidades ribeirinhas, Petrolina e Juazeiro:

uma barca grande de véla, que dá cada vez passagem de 50 a 60 animaes, cujo rendimento pertence à câmara municipal da Villa da Boa Vista da província de Pernambuco; cada pessoa paga 80 rs. de passagem, por cada animal cavalari ou muar 360 rs. sendo manso, 220 rs. sendo bravo, poldros 100, e 140 rs, cada cabeça de gado vacum, carga de animal 40 rs.; porém os tropeiros ou proprietarios da carga nada pagão de passagem. Pelas informações obtidas, passarão em um anno 7,500 e 8,000 pessoas, 10,500 cabeças de gado vacum, e 1,300 animaes cavallares e muares,

sendo conduzido o maior número dos primeiros para a Bahia (HALFELD, 1860, p. 34 apud MAGALHÃES, 2014, p. 26).

A prática de travessia fluvial entre Petrolina e Juazeiro tem mais de cem anos de história e remonta a trajetória e desenvolvimento dessas cidades ribeirinhas que tem o rio São Francisco como protagonista de toda a sua existência. Nesse sentido, compreende-se que as embarcações fazem parte da cultura dos dois municípios não só como meio de transporte e artefato turístico, mas como símbolos da memória histórica dessa localidade no vale do rio.

#### **4.2 O primeiro vapor e o turismo**

Conforme as informações supracitadas, as Ubás, espécies de canoas desenvolvidas pelos índios, foram os primeiros barcos a realizar a navegação no rio São Francisco. Posteriormente, com a ocupação do interior pelos serviçais dos nobres portugueses, surgiram os ajoujos, e logo em seguida os paquetes que nada mais são do que uma evolução das antigas canoas. Movimentada a vela, esse tipo de barco antecedeu as tradicionais barcas que dividiram com os vapores, popularmente conhecidos como gaiolas, as funções de transporte fluvial para cobrir distâncias maiores.

A primeira embarcação a vapor a trafegar pelo Velho Chico foi o Saldanha Marinho, transporte fluvial projetado e construído por um estaleiro inglês a pedido de Dom Pedro II. Após contratar o engenheiro Halfald para fazer um levantamento de toda a extensão do rio em uma viagem que durou dois anos, o Imperador utilizou os relatórios feitos por Halfald para autorizar a construção de um barco a vapor adequado à navegação do Rio São Francisco (MAGALHÃES, 1997).

Levando o nome do almirante Saldanha Marinho, a embarcação tripulada por oficiais brasileiros chegou na região em 1871, sendo recebida com grande entusiasmo e festejo no porto juazeirense. Até meados da década de 60, realizou o transporte de cargas e pessoas no trecho navegável do rio São Francisco compreendido entre Pirapora e Juazeiro (BRITO, 1997). Após o incêndio que destruiu toda a sua estrutura em 1988, o Saldanha Marinho que na ocasião funcionava como bar e restaurante no cais de Juazeiro, foi reconstruído e atualmente encontra-se na orla nova da cidade, sendo uma das principais atrações turísticas.

Outros vapores também passaram pela região e fizeram parte do turismo e lazer dos moradores de Juazeiro e Petrolina. Os jovens participavam aos domingos dos passeios a bordo que começavam às 8 horas da manhã e terminavam no fim da tarde. Enquanto a orquestra



tocava no salão, o vapor ia realizando seu percurso pelas águas do Velho Chico (BRITO, 1997).

Atualmente, ainda permanece no roteiro turístico das duas cidades, os passeios de barco para as ilhas e vinícolas da região. A travessia de passageiros continua fazendo parte do cotidiano dos juazeirenses e petrolinenses, fortalecendo no imaginário coletivo a identidade do povo ribeirinho. Ao remontar a história da navegação local, a travessia se constitui portanto, como um elemento fundamental na construção da memória das duas cidades.

### **4.3 Memória como uma dimensão da abordagem sobre o tema em pesquisa**

O conceito de memória está intimamente relacionada ao transcurso do tempo. Na Grécia antiga a memória era concebida como uma divindade que conferia aos poetas o poder de retornarem ao passado para recontar os fatos acontecidos à coletividade. Os grandes feitos humanos eram registrados por artistas e historiadores, que colocavam suas obras sob a proteção das musas, para que os mais importantes acontecimentos não fossem esquecidos, mas imortalizados. (CHAUÍ, 2000)

Para Marilena Chauí (2000) só é possível falar de memória pela perspectiva do tempo. A autora compreende que, a memória é “uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança.” (2000, p. 161). Contrariando a concepção de memória defendida por alguns estudiosos, que a descrevem como um fenômeno estritamente biológico, Chauí, explica que para além de elementos físicos que influenciam na formação da lembrança, há os componentes subjetivos a ela relacionados, como:

a importância do fato e da coisa para nós; o significado emocional ou afetivo do fato ou da coisa para nós; o modo como alguma coisa nos impressionou e ficou gravada em nós; a necessidade para nossa vida prática ou para o desenvolvimento de nossos conhecimentos; o prazer ou dor que um fato ou alguma coisa produziram em nós, etc. Em outras palavras, mesmo que nosso cérebro grave e registre tudo, não é isso a memória e sim o que foi gravado com um sentido ou com um significado para nós e para os outros (2000, p. 162).

Pollak (1992) define a memória não só como um fenômeno individual, mas coletivo, construída a partir dos acontecimentos vividos, tanto pessoalmente pelos sujeitos quanto pelo grupo ao qual pertencem. A memória coletiva está relacionada a fatos que nem sempre foram presenciados pelo indivíduo, o que Pollak chama de memória quase herdada. Esse tipo de

lembança é entendida como uma projeção do grau de identificação do grupo com os fatos que marcaram fortemente o seu passado.

A exemplo do que foi definido por Pollak, as embarcações que atuam no processo de travessia entre as cidades de Petrolina e Juazeiro desempenham um papel importante na construção da memória e da identidade dos moradores desses municípios. Ao longo do tempo, as lembranças individuais e coletivas daqueles que acompanharam o desenvolvimento das duas cidades a partir da exploração das suas hidrovias, ajudaram a perpetuar o sentimento de pertencimento do sujeito ribeirinho com relação ao seu lugar de origem.

De forma semelhante, a experiência da travessia remete a tempos memoráveis da navegação, do crescimento econômico das duas cidades e da ligação sociocultural que até hoje é vivenciada por seus habitantes. Funcionando como âncoras da memória, as barcas projetam no presente o reflexo do passado, fazendo-o ser revivido, preservado e incorporado a identidade social. A partir dessa perspectiva, compreende-se que as lembranças são compostas por pessoas ou personagens que estão direta ou indiretamente vinculadas ao espaço-tempo do indivíduo. Nesse sentido, destaca-se a importância dos lugares como âncoras da memória, que é considerada por Pollak (1992) como:

um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (p. 204).

É no sentido de perpetuação e continuidade inerentes à memória que as barquinhas se configuram como espaços de ancoragem. As âncoras constituem-se, segundo Pollak, como bases para uma relembança. No contexto diário da travessia, as barcas são lugares de memória, instrumentos de manutenção da cultura e da identidade ribeirinha.

A ideia de memória sempre aparece associada ao tempo. Evocação do passado no presente, a memória atua na perspectiva da continuidade, da posteridade, ou seja, do futuro. Chauí (2000) vai dizer que na sociedade contemporânea há uma super valorização da memória que pode ser percebida pela multiplicidade dos “meios de registro dos fatos (computadores, filmes, vídeos, fitas cassetes, livros) e das instituições que a preservam como os museus, bibliotecas e arquivos”.

Mas, se por um lado há evidências da valorização da memória nos dias atuais, paradoxalmente, mostra-se que a sua importância também é negligenciada. Seja por meio da construção civil, que em nome da modernização urbana destrói a memória das cidades, ou

através do descaso com os idosos, que são esquecidos e subestimados pela sociedade (CHAUI, 2000).

A cultura material e imaterial de Petrolina e Juazeiro aqui representadas pela arquitetura antiga e pelas lembranças dos moradores mais velhos merece um olhar diferenciado tanto da população quanto do poder público. As construções antigas que não foram demolidas em nome do desenvolvimento urbano encontram-se em estado de abandono, como por exemplo, o prédio da Estação Ferroviária localizado no município baiano.

As construções enquanto espaços e âncoras da memória estão se perdendo e junto com elas a história das cidades. A preservação perpassa também pela lembrança dos idosos que são pouco valorizados pela sociedade. Os moradores mais antigos, tão imprescindíveis a permanência da cultura popular, são esquecidos pelo seu próprio povo. E essa é uma realidade que precisa ser repensada e reconfigurada, pois sem memória não existe identidade.

Nesse sentido, Chauí destaca a memória como um elemento importante de preservação e manutenção da identidade social e da compreensão do porvir:

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo) (2000, p. 164).

Na memória, a relação dos indivíduos com o tempo se manifesta. É o fenômeno da memória que dá sentido ao que passou e ao que virá. A compreensão do presente requer um olhar voltado para o passado, para os vestígios que explicam o caminhar do sujeito no seu meio social.

Na perspectiva de manter viva a memória de Juazeiro e Petrolina a partir do registro cotidiano das histórias que são compartilhadas no espaço das barcas durante a travessia, as crônicas se inserem como forma de continuidade e preservação da identidade local. O livro reportagem nesse formato tem o propósito de registrar os acontecimentos que fazem das barcas espaços de convivência, intercâmbio cultural e lugares de memória.

Nesse contexto de preservação de memória e identidade local a partir do registro de acontecimentos banais do cotidiano que normalmente não viram destaque na grande mídia, que o jornalismo literário se destaca por proporcionar a partir da utilização de recursos e técnicas da narrativa literária, a produção de informações de maneira aprofundada possibilitando assim um olhar multifacetado para os acontecimentos relatados.

#### 4.4 Jornalismo Literário e o Novo Jornalismo

A literatura se aproxima do jornalismo de forma mais consistente entre os séculos XVIII e XIX, período em que as redações são ocupadas por escritores renomados. A presença desses intelectuais influenciaram o surgimento de uma narrativa literária na produção da notícia, que tem como precursora os folhetins. Segundo Pena (2006), os folhetins passaram a ocupar as páginas dos jornais inicialmente como um suplemento destinado à crítica literária. Posteriormente, com adaptação ao capitalismo, adquiriu características romanescas, consistindo assim em espaços para publicações desse tipo. Contudo, a publicação de romances na imprensa democratizou o acesso da população à literatura, estabelecendo assim uma relação mutuamente benéfica entre o jornal, autores e leitores. Obras que hoje são mundialmente consagradas foram lançadas em periódicos por meio dos folhetins. A exemplo disso, pode-se citar *Os Miseráveis* e *os Três Mosqueteiros* (PENA, 2006).

Ainda de acordo com Pena, essa proximidade do jornal com os autores influenciou a apropriação pelo jornalismo de elementos da Literatura fazendo emergir um novo gênero que mais tarde ficaria conhecido como Jornalismo Literário. No entanto, na década de 50 do século XX, houve um certo afastamento dessas áreas em virtude das outras mudanças ocorridas no campo jornalístico, que naquela ocasião passou a adotar a objetividade e a concisão como premissas básicas da narrativa jornalística (PENA, 2006).

A insatisfação com a imprensa objetiva e as restrições impostas a narrativa jornalística por meio do *lead* fez surgir o Novo Jornalismo, estilo desenvolvido nos anos 60 do século XX nos Estados Unidos que tem como principal representante Tom Wolf. Embora Wolf seja uma referência, não foi ele o precursor desse gênero. Pena (2006) esclarece que antes de Wolf lançar o manifesto *ao New Journalism*, outros profissionais da área já utilizavam a narrativa romanceada. Dentre eles, destaca-se Daniel Defoe e John Hersey, respectivamente, autores de *Robson Crusóe* e *de Hiroshima*, livro publicado em 1946.

O Novo Jornalismo americano tinha como premissa romper os limites da objetividade do texto jornalístico. Configurava-se como uma maneira alternativa de ampliar a notícia utilizando recursos da narrativa literária, tal qual explica Pena:

A ideia do Novo jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolf, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal imprensa objetiva. Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação e um chato de pensamento prosaico e escravo do manual da redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias (2006, p. 54).

Para além de recorrer aos recursos da literatura, o jornalista literário tem como foco de seu trabalho a profundidade dos fatos. Ele busca descrever com o máximo de verossimilhança o ambiente e as pessoas envolvidas, situando-as no espaço e tempo a partir de várias perspectivas. Entende-se que Jornalismo Literário se configura como uma alternativa diante da efemeridade da notícia na grande mídia. A sua preocupação, de acordo com Pena, é “contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” (PENA, 2006, p. 14) .

A técnica literária no jornalismo subsidia o repórter na construção de narrativas mais profundas. Logo, o jornalista dispõe de recursos que lhe permitem transpor os limites da rotina de uma redação. No entanto, essa liberdade não isenta o profissional de seguir os princípios que regem a prática jornalística, como a ética, a clareza e rigor na apuração. A principal característica do Jornalismo Literário é a perenidade da notícia em detrimento da superficialidade da imprensa diária. Apesar da complexidade em definir esse gênero conforme explica Pena (2006, p. 105), ele pode ser entendido enquanto:

uma modalidade da prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação originários (ou inspirados) pela Literatura. Traços básicos : imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos inclusive metáforas, digressão e humanização.

Felipe Pena menciona ainda a existência do New Journalism, movimento contemporâneo liderado por Gay Talese nos Estados Unidos, cujo interesse era “explorar as situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas. O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2006, p. 60). Nesse contexto, o novo jornalista se caracteriza pelo engajamento político e envolvimento com as questões sociais.

#### **4.5 Literatura da Realidade - O romance reportagem**

Dentre as narrativas derivadas do Jornalismo Literário, destaca-se o romance reportagem. Pena (2006) o define como um subgênero situado entre o jornalismo e a literatura. Apesar das estratégias ficcionais em sua produção, trata-se de uma obra comprometida com os fatos reais. Para além da função informativa, o romance reportagem tem o papel de “explicar, orientar e opinar sempre com base na realidade” (PENA, 2006, p. 103). Clássico do jornalismo literário, *A Sangue Frio* de Truman Capote (1966) é uma

referência desse tipo de narrativa. Nele, Capote utiliza a linguagem romanesca para reconstruir o assassinato da família Cutler, ocorrido no ano de 1959, nos Estados Unidos.

No cenário brasileiro, Caco Barcelos produziu grandes reportagens que são destaques na área. O livro *Rota 666* (1992) é o mais emblemático trabalho da carreira desse prestigiado jornalista. Nele, Barcelos narra de forma investigativa uma série de assassinatos cometidos pela polícia militar de São Paulo. Não se trata de uma obra fictícia, mas de um relato real desenvolvido a partir de anos de investigação realizada pelo autor.

Para a elaboração desse tipo de trabalho, o autor recorre a elementos literários, mas mantém o rigor jornalístico na apuração dos fatos e a verossimilhança na reprodução dos acontecimentos. O livro-reportagem se configura como um veículo que possibilita uma abordagem multifacetada dos eventos sociais, mostrando aspectos e vozes que normalmente não são apresentados no jornalismo convencional. (PENA, 2006).

#### **4.6 O papel do livro reportagem**

Na área jornalística, a estrutura da notícia segue normas de construção que resultam em um relato superficial dos acontecimentos. Subordinado às regras do lead (o que, quem, quando, onde e porque), a imprensa cotidiana representada pela televisão, rádio e periódicos não consegue dar conta de todas as nuances envolvidas nos acontecimentos sociais (LIMA, 2004).

Por isso, o tratamento da informação no jornalismo convencional tem sido amplamente criticada por ser considerado raso e incompleto. Dessa necessidade de ampliação da notícia e expansão do relato, surgiu a grande reportagem. Permitindo maior liberdade de escrita ao repórter em detrimento ao lead imposto nas redações, o livro - reportagem destaca-se por propiciar ao público receptor um relato mais completo e detalhado da realidade, conforme explica Lima:

O livro reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse grau de amplitude superior pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado - quando comparado ao jornal, a revista ou aos meios eletrônicos - quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto a combinação desses dois fatores (2004, p. 26)

O jornalismo noticioso deixa lacunas que o livro reportagem preenche. Essas brechas e carências informativas devem-se a maneira como o labor jornalístico é desenvolvido dentro das redações. Na rotina da grande imprensa, os repórteres recebem inúmeras pautas para desenvolver, o que impossibilita uma investigação maior sobre cada tema tratado (LIMA, 2004).

Para Lima (2004), o livro reportagem é, portanto, produto da inquietude dos jornalistas que desejam trabalhar de forma mais extensiva a notícia, optando por esse gênero por não ter um espaço na imprensa cotidiana para assim o fazer. Essa modalidade se configura também como instrumento de autoafirmação do comunicador que deseja exercer ao máximo todas as suas habilidades jornalísticas.

O livro-reportagem enquanto meio de comunicação que possibilita ao jornalista a ampliação da notícia pode ser composto por diferentes gêneros narrativos, inclusive a crônica, tal qual a obra *A Vida que Ninguém Vê*, da repórter Eliane Brum, compilado de crônicas-reportagens publicadas no jornal Zero Hora. Ganhador do prêmio Jabuti em 2007, na categoria reportagem, o livro inspirou sobremaneira este trabalho.

#### **4.7 A crônica – Um gênero híbrido**

Derivado do vocábulo grego *Chronós* que significa tempo, a crônica é atualmente concebida como um gênero discursivo que transita entre o jornalismo e a literatura. A sua origem, que remonta os tempos das grandes navegações, está ligada a necessidade de registro dos acontecimentos relacionados a descoberta do Novo Mundo pelos portugueses e espanhóis. (SIEBERT, 2014)

A crônica surge como relato cronológico de experiências exitosas vivenciadas pelos navegadores europeus na busca de novas terras, daí a natureza documental inerente a sua gênese. Inserida nesse contexto, a Carta de Pero Vaz de Caminha se destaca enquanto crônica histórica tanto pelo caráter circunstancial dos acontecimentos registrados, quanto pela relação direta que o cronista estabelece com o interlocutor (SIEBERT, 2014).

Nesse sentido, Sá (apud Ferreira 2013, p. 8) explica as características que fazem da Carta escrita para o rei Dom Manuel uma narrativa similar à crônica.

Seu relato é, assim, fiel às circunstâncias, onde todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade dos retalhos em uma unidade bastante significativa. [...] a observação direta é o ponto de partida para que o

narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhes assegura permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial (SÁ, 1985, p. 6).

A crônica exerceu o papel de narrativa de viagem até meados do século XIX, quando houve uma transformação semântica da terminologia no Brasil. Este fenômeno é resultante da vinda da Corte Portuguesa para o país em 1808. A família real autorizou a publicação de periódico e nesse contexto o narrador brasileiro foi inserido na imprensa nacional, que até então se restringia a textos produzidos pelo colonizador. Influenciados pelos franceses, autores nativos começaram a publicar em nota de rodapés dos folhetins, a chamada crônica brasileira, que consistia basicamente em relato opinativo sobre as diferentes instâncias sociais e suas transformações. É nessa esfera que a crônica ganha contornos de relatos do cotidiano, tendo o cronista como um exímio observador que registra os fatos que se passam na rua. (SIEBERT, 2014).

De acordo com Siebert (2014), a crônica genuinamente brasileira tem como pioneiro o escritor José de Alencar. Com a publicação nos jornais do folhetim *Ao Correr da Pena*, em 1854, o autor consagrou o gênero, tornando-se assim uma referência nesse período. Alencar foi o marco inicial para a consolidação de uma safra de novas produções narrativas que tinham como diferencial a proximidade entre autor e leitor, estratégia característica da crônica.

Daniel Piza (2004, p. 33) lembra a importância da crônica na formação do jornalismo cultural brasileiro e a participação de grandes autores do cenário literário na consolidação do gênero:

o gosto nacional pelas crônicas , até certo ponto, sempre foi uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, praticada por jornalistas, escritores e sobretudo por híbridos de jornalista e escritor. De Machado de Assis a Carlos Heitor Cony, passando por João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Ivan Lessa e outros.

Na década de 30 do século XX, a crônica se estabelece definitivamente no jornalismo. O crescimento urbano e industrial da época, a modernização da imprensa e o movimento da Arte Moderna impulsionaram esse fenômeno que tem como principais representantes Carlos Drummond e Rubem Braga. Tal qual explica Marques Melo apud (FERREIRA, 2014, p. 10), a crônica moderna “assume a palpitação da agilidade de um jornalismo em mutação. Ela



figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa”.

No que tange aos aspectos narrativos que esse gênero assume no contexto nacional, Cândido (1980 p. 22) lembra que os cronistas brasileiros compartilham de uma escrita “ lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo.”

O autor conceitua a crônica como uma narrativa aparentemente despreziosa constituída de uma leveza e sensibilidade que “fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (CANDIDO, 1980, p. 22). Nesse sentido, destaca a função mais precisa desse gênero: dar visibilidade a grandeza e beleza dos pequenos acontecimentos do cotidiano.

#### **4.8 O cronista e o cotidiano**

A feira livre, o trânsito, uma rua pouco movimentada, a vida noturna, uma praça até mesmo o local de trabalho se configuram como palcos onde o cotidiano se apresenta e é nesses diversos cenários de relações multifacetadas que o cronista atua. A natureza do cronista está intimamente ligada ao dia a dia, pois é no cotidiano que encontra a matéria-prima para a sua criação. O desafio desse tipo de narrador é dar notoriedade a fatos rotineiros considerados banais. Como observa Chiquim (2013, p. 30), “Os cronistas vivem à espreita de um acontecimento fugaz, trivial, menos candente, que podem ser transformados em temas relevantes com a adição do seu ponto de vista e dos adornos da linguagem literária empregada por eles.”

O cotidiano é o campo de inspiração do cronista. É da experiência de vida com o meio que fluem os diversos temas que podem ser filosófica ou liricamente explorados na crônica. Nesse sentido, tanto um grande acontecimento como um fato simplório podem ser objetos de interesse do escritor jornalista (CHIQUIM, 2013).

Observador do cotidiano, o cronista consegue captar da trivialidade aquilo que escapa aos olhos comuns, os chamados fatos menores. O banal tem um papel relevante na construção da crônica, como explica Carlos Drummond de Andrade, que trabalhou durante 30 anos como cronista dos periódicos *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* (2009, p. 174 apud CHIQUIM 2013, p. 31):

O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério do desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o

critério exclusivo da eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é esta pausa, que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade.

Por meio da crônica, os pequenos acontecimentos, que dificilmente são noticiados, tornam-se visíveis e palpáveis ao leitor. Embora o gênero possibilite ao jornalista maior liberdade de produção, há desafios inerentes a essa prática principalmente para os cronistas que possuem editorias em jornais diários. A obrigatoriedade de produzir periodicamente impõe ao escriba do cotidiano o exercício constante da criatividade na abordagem dos diversos temas. Ao lado da problemática do possível esgotamento do assunto, o cronista ainda convive com a tarefa desafiadora de escrever sob as pressões do *dead line*. Conforme descreve Chiquim sobre o labor do cronista, “trata-se de uma atividade desgastante, porque, diariamente e obrigatoriamente, é preciso ter inspiração para falar sobre algo” (2013, p. 33).

O cronista é o profissional que transita em dois universos, a literatura e o jornalismo, fato que o posiciona em uma zona de conflito. Profissionais da imprensa e literatos admitem ser a crônica uma narrativa de natureza ambígua, híbrida. Se por um lado não pode ser definida como um gênero exclusivamente jornalístico, uma vez que não obedece aos critérios e técnicas da prática da imprensa convencional e incorpora subjetividade, por outro lado é considerada um gênero inferior e fugaz pelos críticos literários (CHIQUIM, 2013).

Apesar do seu caráter despretensioso, a crônica passou a alcançar perenidade a partir da publicação de livros do gênero nos anos 1950. Nas décadas seguintes, houve um crescimento expressivo desse nicho editorial, que tem como principais representantes no país os jornalistas Machado de Assis, Rubem Braga e Clarice Lispector. A transferência de plataforma (do jornal para o livro) colocou em cheque o argumento dos literatos com relação a durabilidade da crônica. Nesse novo cenário, o trabalho do cronista conquista maior alcance além de prestígio que tradicionalmente não lhe era comum, devido às questões anteriormente discutidas.

Pela natureza flexível da crônica e em virtude das possibilidades que propicia ao jornalista na reprodução da informação, esse gênero foi entendido como o mais adequado a proposta do livro-reportagem a ser produzido. A fugacidade dos acontecimentos inerentes a travessia entre Juazeiro e Petrolina, o banal presente no cotidiano dos passageiros, a fugacidade daquilo que passa despercebido pela imprensa cotidiana e não vira notícia na grande mídia, todos os acontecimentos considerados menos importantes, mas que compõem a rotina dos moradores que transitam entre uma cidade e outra são objetos de interesse desse produto.

## 5 METODOLOGIA

Na perspectiva de dar visibilidade aos acontecimentos cotidianos e às personalidades que compõem o trânsito fluvial entre Petrolina e Juazeiro, foi produzido o livro reportagem *Vozes em Travessia: Crônicas na Barca Juazeiro-Petrolina*. A obra narra as histórias que se entrelaçam durante o percurso realizado pela barquinha, resgata a memória de seus usuários, bem como relata os acontecimentos rotineiros que são inerentes a travessia e que ajudam a compreender a dinâmica sociocultural dos dois municípios. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizou-se procedimentos e técnicas de produção que serão descritos abaixo.

### 5.1 Pré-produção

O processo de produção do livro-reportagem foi precedido pela realização de levantamento bibliográfico da história da navegação em Petrolina e Juazeiro e pelo estudo acerca do gênero jornalístico escolhido: a crônica. Para tanto, utilizou-se como fonte de pesquisa autores de referência na área tais como Magalhães (1997), Lima (2004), Pena (2006) e Piza (2003). Esse momento de pré-produção foi compreendido também pela leitura de cronistas consagrados no Brasil, dentre eles: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Rubem Braga e Eliane Brum, jornalista que inspirou este trabalho por meio da obra *A Vida Que Ninguém Vê*. Sobre esse tipo de pesquisa, Lakatos e Marconi entendem que ela

abrange toda bibliografia já tomada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas (2003, p. 71).

Nesse sentido, entende-se à luz das autoras supracitadas, que a pesquisa bibliográfica é fundamental para o aprofundamento teórico acerca do objeto investigado. Ainda nessa etapa de desenvolvimento do trabalho, traçou-se um cronograma de visitas ao campo escolhido como recorte espacial para a produção do livro. Delimitado entre o cais de Petrolina e Juazeiro, o trajeto realizado diariamente pelos usuários da barquinha foi

estabelecido como cenário principal dos acontecimentos a serem narrados em forma de crônica.

## 5.2 Produção

A produção escrita das crônicas aconteceu de forma concomitante a vivência na travessia entre Petrolina e Juazeiro. Por se tratar de uma narrativa que busca evidenciar fatos cotidianos, optou-se pela participação diária nas barquinhas que realizam o transporte hidroviário entre as cidades. No período compreendido entre novembro de 2019 e fevereiro de 2020, foram produzidas as 20 histórias que integram o livro-reportagem. A dinâmica de ida a campo consistiu em frequência de segunda a sexta no turno vespertino e de fins de semana em turno matutino e noturno.

Nessa etapa do trabalho, foram coletadas as informações imprescindíveis ao desenvolvimento do livro-reportagem. Segundo Lakatos e Marconi (2003), existem diversas técnicas de coleta que podem ser utilizadas conforme o tipo de pesquisa que se pretende realizar, como a observação, a entrevista, a análise do conteúdo, questionários, testes e história de vida. No caso específico desse produto jornalístico, recorreu-se as técnicas de observação participativa, história de vida, história oral e entrevista semiestruturada e em profundidade.

Durante a participação nas barcas que realizam a travessia entre Juazeiro e Petrolina, utilizou-se como procedimento metodológico de coleta de dados a observação participante. Lakatos e Marconi afirmam que essa é uma técnica que:

Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. O observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado (2003, p. 194).

Entende-se portanto, que na observação participante o pesquisador envolve-se com as pessoas pertencentes ao ambiente investigado. Há uma proximidade entre observador e observado que pode influenciar o dinamismo da coleta de dados, tornando mais fácil ou difícil esse processo. A escolha por essa técnica se justifica pelo fato de possibilitar uma aproximação com o sujeito observado de maneira a conseguir sua confiança para a realização da entrevista.

Na vivência diária de três meses na travessia, 25 pessoas foram entrevistadas. Entre elas, marinheiros, pescadores, trabalhadores informais, passageiros, pessoas em situação de rua, banhistas, transeuntes e funcionários de órgãos públicos. A entrevista consiste em uma prática comunicativa cuja objetivo é obter informações acerca de um determinado tema, grupo ou pessoa. Trata-se de um diálogo de natureza profissional que pode ser sistematizado ou não. É considerado um importante instrumento de investigação social (LAKATOS, 2003). Dentre as diversas técnicas de entrevista, optou-se pela semiestrutura e também a de profundidade por estar “relacionada com os sentimentos, pensamentos e lembranças do entrevistado, sua intensidade e intimidade” (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 201), conforme a proposta do livro.

Duarte (2006) explica que a entrevista em profundidade é uma técnica da pesquisa qualitativa, usada para buscar informações sobre um assunto, bem como conhecer experiências de outras pessoas a fim de fazer uma análise dos dados levantados para depois apresentá-los de forma organizada. A entrevista em profundidade pode ser classificada em aberta (não possui roteiro estabelecido), e semiaberta (possui um roteiro com possíveis questões). Também existem as entrevistas fechadas, que faz uso de questionários, mas não são consideradas entrevista em profundidade (DUARTE, 2006). No entanto, para conhecer as histórias de vida dos usuários da barquinha, optou-se apenas pela entrevista semiaberta.

Além das abordagens supracitadas, utilizou-se também as histórias orais de vida como procedimento metodológico. Essa técnica se constitui uma importante forma de obter informações a respeito dos indivíduos e das relações socioculturais que estabelecem com o lugar onde vivem. Ela tem como foco o registro das memórias e das vivências do sujeito investigado ajudando a compreender o contexto social em que ele está inserido. De acordo com os estudos de Caprino e Perazzo:

Uma pesquisa baseada na história oral funda-se nas pessoas que serão entrevistadas. As experiências dessas pessoas, quando narradas por elas próprias, permitem recuperar uma história social, cultural e cotidiana trazida pelo “cidadão comum”, ou seja, por agentes da história que não foram heroicizados, mitificados ou transformados em “grandes homens” ou pessoas públicas ou famosas. Nesse sentido, são múltiplos os sujeitos sociais que poderão narrar suas histórias de vida (2011, p. 806).

Na entrevista de história oral, busca-se o depoimento dos atores sociais envolvidos na pesquisa. A perspectiva é, a partir dos relatos dos indivíduos entrevistados, “reconstruir a cultura popular” (CAPRINO, PERAZZO, 2011, p. 805). O testemunho oral dá voz aos

sujeitos anônimos, aos cidadãos comuns e as suas subjetividades. Essas narrativas fazem emergir práticas culturais do cotidiano que, muitas vezes não tem visibilidade social.

Os depoimentos podem ser armazenados por meio de diferentes instrumentos como gravação de áudio e fichas de registro (CAPRINO, PERAZZO, 2011). As gravações são importantes para manter a verossimilhança do que foi relatado pelos entrevistados. Nesse sentido, ambas as técnicas foram adotadas, uma para manter a fidedignidade dos depoimentos e a outra por permitir o registro de outros aspectos que escapam à gravação, como os detalhes do ambiente, as características dos entrevistados e das pessoas presentes no espaço pesquisado.

As informações que subsidiaram a construção das crônicas foram obtidas por meio de gravações em áudio realizadas com auxílio do celular e complementadas com registros escritos e fotográficos. Para além da entrevista realizada com as pessoas que participam da travessia fluvial entre Petrolina e Juazeiro, buscou-se também, nos órgãos oficiais destes municípios, dados socioeconômicos que fundamentaram a narrativa e a compreensão da realidade local. Dentre as instituições visitadas, destaca-se o Centro de Referência Especializado Para Pessoas em Situação de Rua - Centro POP, a Secretaria de Saúde, a Secretaria do Desenvolvimento Social da Mulher e Diversidade, o Ministério do Trabalho, a Delegacia da Mulher, o Centro de Atendimento Integrado à Mulher e o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

O processo de levantamento de dados regionais configurou-se como uma das etapas mais problemáticas do desenvolvimento do trabalho, uma vez que muitas das instituições citadas não fazem controle estatístico local ou dificultam o seu acesso ao público. Outra dificuldade enfrentada nessa etapa está relacionada ao assédio cometido por alguns entrevistados que desacreditam o trabalho jornalístico realizado por uma mulher. Considerando que os portos são ambientes predominantemente masculinos, a cultura machista ainda é muito latente.

A escolha do gênero crônica na construção do livro-reportagem se justifica por essa narrativa estar intrinsecamente relacionada ao cotidiano e pela liberdade que proporciona ao jornalista na produção da informação devido a sua natureza híbrida e opinativa, tal qual descreve Lopes:

A crônica permite uma interpretação subjetiva da realidade e, frequente, faculta ao seu autor a possibilidade de revelar seus ideais. [...] O autor da crônica termina geralmente com uma conclusão. A ironia, o humor ou a dureza do tema são formas geralmente escolhidas para arrematar uma crônica (1981, p. 103).

Partindo dessa perspectiva, buscou-se por meio dos elementos narrativos da crônica descrever com certo lirismo os acontecimentos cotidianos na travessia e as pessoas que dela participam. As práticas comunicativas presentes no trajeto entre uma margem e outra, o hibridismo cultural característico da população das duas cidades, os aspectos culturais, sociais e econômicos dos usuários das barquinhas, os pequenos e grandes acontecimentos desse espaço se constituíram fontes de inspiração para as histórias que foram redigidas.

O livro foi composto por 20 crônicas, sendo 6 destas, perfis de pessoas que fazem parte da história da navegação e da memória das duas cidades. São elas:

**Edgar José Fernandes** - Marinheiro cobrador da barca Santa Maria

**Francisco Assis Macêdo** - Aposentado. Ex-lavador de carro do cais

**Joana D'arc Macêdo** - Dona de casa. Imigrante cearense residente em Petrolina

**José Reinaldo Rodrigues de Santana** - Pescador

**Luciana Alves de Souza** - Trabalhadora informal que vende cocada nas barcas

**Pedro Erivaldo Lima David** - Trabalhador informal que vende picolé na parada das barcas em Petrolina

Na construção desses perfis, buscou-se destacar principalmente, a conexão da história de vida dos entrevistados com o rio São Francisco e a travessia fluvial entre Petrolina e Juazeiro. Os textos foram produzidos na perspectiva de dar visibilidade aos aspectos humanos e subjetivos de cada participante. Para tanto, recorreu-se às estratégias e técnicas literárias, em especial, as figuras de linguagem que geralmente são usadas na elaboração de escritas mais criativas e líricas. Nesse sentido, os textos contêm metáforas, conotações e trocadilhos, proporcionando a narrativa, que também é jornalística, um aspecto mais literário.

A seleção das personalidades ribeirinhas perfiladas, aconteceu durante a vivência diária na travessia. Nesse período do trabalho, constituído pela convivência com pescadores, trabalhadores informais, marinheiros e usuários das barquinhas, observou-se a relevância da memória e história de vida dessas pessoas não apenas para a constituição da travessia enquanto tráfego hidroviário, mas, sobretudo, para a compreensão do panorama socio-cultural das duas cidades.

As demais crônicas foram escritas a partir de diálogos e acontecimentos presenciados na travessia, que funcionaram como fio condutor para reflexões acerca de temas diversos como: gênero, sexualidade, aspectos socioeconômicos, históricos e culturais de Petrolina e

Juazeiro. Nestas crônicas, optou-se por uma narrativa predominantemente descritiva e com presença expressiva de trocadilhos, metáforas e elementos sinestésicos que foram utilizados na perspectiva de aproximar ao máximo o leitor da ambientação, acontecimentos e pessoas relatadas no livro. Os títulos dos textos, em sua maioria, fazem referência simbólica às discussões levantadas nas crônicas, que foram finalizadas com recursos linguísticos tais como o humor, a ironia e questionamento reflexivo.

Dispostos no livro fazendo analogia ao percurso realizado pelos usuários da barca, os textos vislumbram acompanhar o movimento do tráfego hidroviário de passageiros. Iniciando com as memórias do meu pai Francisco Assis, enquanto ex-trabalhador do cais de Petrolina, a narrativa segue o fluxo do meu caminhar durante a produção do livro, remontando o trajeto que eu, como usuária da barca também faço. Perpassando primeiro pelos acontecimentos e personalidades do porto petrolinense até chegar à parada das barquinhas, de onde se ouve os sussurros da travessia, os textos navegam na direção das barcas até atracar na margem baiana e retornar para o lar na cidade pernambucana, representado pelas memórias da minha mãe Joana D'arc.

O livro também é composto por fotografias que complementam a proposta do trabalho, cujo objetivo é dar visibilidade as vozes e acontecimentos que fazem da travessia fluvial entre Petrolina e Juazeiro uma âncora da memória. Nessa perspectiva, foram selecionadas imagens que dialogam com o texto e realçam as temáticas abordadas.

### **5.3 Produção do livro – Edição**

Para a realização deste livro, escolhemos realizar um e-book em função do baixo custo e da possibilidade de distribuição mais rápida e barata, principalmente entre aqueles que circulam pela barquinha e para a população das duas cidades. Para isso, recorremos a um site de edição online, blurb.com, que permitiu a realização autônoma da diagramação. Ou seja, o trabalho de edição e diagramação foi realizado pela autora. Este é um site internacional que oferece modelos de livros, com opções de templates de fácil manuseio. Oferece também ISBN gratuito e a possibilidade de fazer versões impressas e em PDF.



#### **5.4 Escolha dos formatos:**

Tamanho do livro: escolhemos o formato 13X20 cm, vertical, por ser pequeno e de fácil manuseio, inclusive em PDF ou no formato de e-book.

Fontes: escolhemos para o texto a fonte Georgia, corpo 11, entrelinha 1,3, por permitir uma boa legibilidade. É uma fonte com serifa que impede que uma letra seja confundida com outra. Para os títulos, escolhemos a fonte Zemke Handwritten, corpo 14, por ser descontraída, lembrando a escrita a mão, para dar leveza, pois estávamos falando do rio e da barca.

Fotos: as fotos também foram realizadas pela autora, utilizando uma máquina NIKON D3100. Fizemos arquivos em RAW e depois editamos para JPEG. Durante a edição das fotos fizemos uma escolha baseada na qualidade e que dialogasse de alguma forma com o texto. No livro, escolhemos emoldurar as fotos com cores nas páginas, de acordo com a sensação passada pela imagem, utilizando assim diversas cores.

Capa: na capa trabalhamos com a cor azul esverdeada, para lembrar o rio, utilizando as mesmas fontes do restante do livro e uma foto conotativa, associada a barquinha: um barco de papel rosa, resultado de uma foto realizada durante a travessia poética.

Número de Páginas: 144

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho descreveu as etapas de produção do livro *Vozes em Travessia* que, por meio do gênero crônica, narra histórias do cotidiano no tráfego fluvial das cidades Petrolina e Juazeiro, destacando suas personalidades, características culturais, econômicas e sociais. Vislumbrando contribuir para a memória das cidades ribeirinhas como registro histórico-cultural, a obra buscou dar visibilidade as práticas comunicativas inerentes a travessia e voz as diferentes vidas a ela relacionadas.

O livro foi produzido na perspectiva de descrever a partir de fatos corriqueiros vivenciados na travessia, o panorama social destes municípios que se desenvolveram às margens do rio São Francisco. Nesse sentido, o trabalho evidencia as experiências comunicativas, os diálogos e interações que fazem da barquinha um espaço de informação e de conexão cultural entre Petrolina e Juazeiro. As narrativas presentes no livro de crônicas *Vozes em Travessia* trazem informações que subsidiam o leitor a compreender pela ótica das pessoas comuns e dos acontecimentos diários, os aspectos históricos e socioeconômicos da região, constituindo-se assim como fonte de pesquisa da realidade local.

O desenvolvimento deste livro foi de extrema relevância por possibilitar uma imersão epistemológica nos temas que o embasam, nas técnicas necessárias a produção jornalística e por proporcionar o desenvolvimento de um olhar mais sensível aos pequenos acontecimentos que diariamente tecem o cenário social de Juazeiro e Petrolina.

Espera-se que a história que se desenvolve cotidianamente as cidades irmãs tendo o rio São Francisco como protagonista, seja bem representada pela produção aqui descrita. Que este livro possa contribuir sobremaneira com a comunicação local inspirando outras iniciativas que igualmente reforcem a relevância dos pequenos acontecimentos e das vidas anônimas que normalmente são invisibilidades pela imprensa tradicional.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Guilherme José Ferreira de. SILVA, Marlene Maria da. **Crescimento Econômico no Semiárido Brasileiro: O Caso do Polo Frutícola Petrolina/Juazeiro**. Uberlândia. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Andr%C3%A9ia/Downloads/18291-89948-2-PB.pdf>. Acesso: 8 dez. 2014.
- BRAGA, Benedito; Rebouça Aldo da C.; TUNDISI, José Galizia. **Águas Doces no Brasil: Capital Ecológico, Uso e Conservação**. São Paulo. 2009. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=T954AkW\\_2RQC&pg=PA171&dq=o+rio+s%C3%A3o+francisco+artigo&hl=pt-z&sa=X&ei=BBmHVOzcM4WcgwTovYHwCw&ved=0CD4Q6wEwAw#v=onepage&q=o%20rio%20s%C3%A3o%20francisco%20artigo&f=false](http://books.google.com.br/books?id=T954AkW_2RQC&pg=PA171&dq=o+rio+s%C3%A3o+francisco+artigo&hl=pt-z&sa=X&ei=BBmHVOzcM4WcgwTovYHwCw&ved=0CD4Q6wEwAw#v=onepage&q=o%20rio%20s%C3%A3o%20francisco%20artigo&f=false)
- BRITO, Maria Creusa de Sá. **Petrolina: origem , fatos, vida, uma história: (do desbravamento do município a 1992)**. Tribuna do Sertão. 1995.
- CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. São Paulo: Ática, 1980.
- CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (Org). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CAPRINO. Mônica Pegurer. PERAZZO, Priscila Ferreira. História Oral e Estudos de Comunicação e Cultura. **Revista Famecos**. Mídia, Cultura e Tecnologia. Porto Alegre. 2011. Disponível em : <http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/247/2/10385-37636-1-PB.pdf>. Acesso em: 8 de dez. 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Editora Ática: São Paulo. 2000.
- CHIQUIM, Giovana. A impressão do cotidiano: um estudo das ambiguidades da crônica e a transgressão do seu caráter efêmero. **Revista Estação literária**. Paraná, 2013.
- CODEVASF. **Cadeia Produtiva de Cacau: Oportunidade de Investimento em cacauicultura no Vale do São Francisco e Parnaíba**. Brasília, 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Andr%C3%A9ia/Downloads/Estudo\\_Cacau\\_PORTUGUES\\_05\\_11\\_09.pdf](file:///C:/Users/Andr%C3%A9ia/Downloads/Estudo_Cacau_PORTUGUES_05_11_09.pdf). Acesso em : 8 dez. 2014.
- CODEVASF. **Caracterização da Bacia do São Francisco**. 2012. Disponível em [http://www.codevasf.gov.br/DeSaTiVaDo\\_osvales/vale-do-sao-francisco/identificacao](http://www.codevasf.gov.br/DeSaTiVaDo_osvales/vale-do-sao-francisco/identificacao). Acesso em : 8 dez. 2014.
- DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. (org). Entrevista em Profundidade. In: **Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação**.) 2. ed., São Paulo: Atlas, 2006.
- FERREIRA, Clarissa Janini. **A evolução da crônica no jornalismo brasileiro sob a leitura de Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu e Carlos Heitor Cony**. São Paulo, 2013.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas** – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

MAGALHÃES, Pablo Michel Cândido Alves de. **Olhares da cidade**: Sentidos e representações das memórias das navegações em Juazeiro/BA, décadas de 1940-1970. Feira de Santana: 2014.

MAGALHÃES, Ermi Ferrari. **Navegação no rio São Francisco**: da canoa ao último vapor. 3. ed. PeA. Salvador, 1997.

MOTA, Luíz Gonzaga. **Para Uma Antropologia da Notícia**. Brasília. 2002. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12230/1/ARTIGO\\_ParaAntropologiaNoticia.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12230/1/ARTIGO_ParaAntropologiaNoticia.pdf).

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. - São Paulo. Editora Contexto, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

REBOUÇAS, Aldo C.; BRAGA JR., Benedito P. F.; TUNDISI, José Galizia. **Águas doces no Brasil**: capital ecológico, uso e conservação. [S.l: s.n.], 1999.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão. Santa Catarina, v.14, n.3, p 675-685, set/dez. 2014.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica**: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura. In: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2009.

**CRONOGRAMA**

<b>ATIVIDADES</b>	<b>Semestre 2019.2</b>					
	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>
Revisão de Literatura	X	X	X			
Trabalho de Campo (Coleta e catalogação de dados)		X	X	X	X	
Análise dos dados			X	X	X	X
Redação final do Memorial/Produto			X	X	X	X
Entrega da 1ª versão						X
Defesa Pública						X